



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III**

MONICA RUBIA CABRAL DE MORAIS

O IMAGINÁRIO INFANTO-JUVENIL EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”

Guarabira – PB

2019

MONICA RUBIA CABRAL DE MORAIS

O IMAGINÁRIO INFANTO-JUVENIL EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Literatura Infantil e Juvenil.

Orientadora: Prof. Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva.

Guarabira – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M827i Morais, Mônica Rúbia Cabral de.
O imaginário infanto-juvenil em " O pequeno príncipe"
[manuscrito] / Monica Rubia Cabral de Moraes. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
, Departamento de Letras - CH."
1. Literatura Infantil e Juvenil. 2. Imaginário. 3. O Pequeno
Príncipe. I. Título
21. ed. CDD 809.3

MONICA RUBIA CABRAL DE MORAIS

O IMAGINÁRIO INFANTO-JUVENIL EM "O PEQUENO PRÍNCIPE".

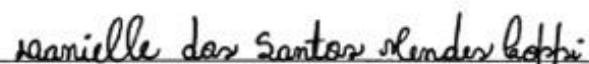
Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

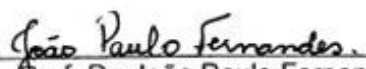
Área de concentração: Literatura Infantil e Juvenil.

Aprovado em: 07/06/2019

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Rosângela Neres Araújo da Silva
UEPB - Orientadora


Prof.ª Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi
UEPB - Examinadora


Prof. Dr. João Paulo Fernandes
UEPB - Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me permitir chegar até aqui, pois sem a força e perseverança, jamais, teria alcançado essa nova meta em minha vida. Ele é a força divina e real que me fortaleceu quando pensei em fraquejar, e a Ele dou graças por todas as bênçãos. Agradeço a minha Virgem Santíssima, Nossa Senhora Aparecida, a quem sempre recorri nas horas de necessidades e tormentos, pela sua intercessão para comigo. Sei que estive ao meu lado durante toda difícil trajetória acadêmica.

Em especial a minha mãe, Maria, por ter acreditado em mim, quando muitas vezes, não acreditei. Pelo seu incentivo, dedicação, apoio, e cuidados. Obrigada pelos ensinamentos e pela educação que me deste, servindo como mãe e pai ao mesmo tempo, mostrando compreensão e amor incondicional. Sinto-me orgulhosa de ser filha da mulher guerreira que se dedicou sozinha na educação dos filhos, um exemplo para mim. Ao meu amado Esposo, Ednaldo, quem me ajudou financeiramente e esteve firme ao meu lado, me apoiando em minhas decisões e ajudando quando necessário.

Obrigada a minha orientadora e professora, Rosângela Neres, pelas suas contribuições, pela compreensão e empenho durante a produção deste trabalho. De certa forma, agradeço aos meus amigos universitários, pelos momentos de partilha de conhecimentos e aprendizados. A todos, muito obrigada!

“A gente só conhece bem as coisas que cativou.”

O Pequeno Príncipe

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
2. LITERATURA INFANTIL: CONTEXTO HISTÓRICO	9
2.1 – Literatura infantil nacional	10
2.2 – Literatura infantil e juvenil na atualidade	11
2.3 – Funções da literatura infantil e juvenil	12
3. A NARRATIVA PARA CRIANÇAS	13
3.1 – A narrativa para crianças	13
3.2 – A narrativa para jovens.....	14
3.3 – Adequação das obras a cada faixa etária	15
4. “O PEQUENO PRÍNCIPE”: A QUESTÃO DO IMAGINÁRIO	16
4.1 – Breve comentário da obra	17
4.2 – O imaginário infantil e juvenil nas relações de amor e amizade	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23

O IMAGINÁRIO INFANTO-JUVENIL EM “O PEQUENO PRÍNCIPE”

MORAIS, Mônica Rubia Cabral de¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir o imaginário infantil e juvenil, a partir da obra *O pequeno príncipe*, escrita pelo francês Antoine de Saint-Exupéry, um ano antes de sua morte, quando exilado nos Estados Unidos. Exupery utiliza em sua obra uma linguagem simbólica, carregada de metáforas e sensibilidade, para dar voz ao imaginário de uma criança. Assim, mostram os valores subjetivos humanos a partir da realidade e da fantasia. Nessa direção à narrativa ressalta a criança adormecida que vive dentro de cada adulto em uma sociedade esquecida dos valores que carrega por dentro, ou seja, o essencial ao coração. A metodologia utilizada para a construção desta pesquisa foi de cunho bibliográfico e descritivo, com caráter analítico. Portanto, fundamentamos este estudo nas concepções de Cademartori (1994), Colomer (2017), Cunha (2003) sobre a literatura infantil e juvenil e o acesso ao imaginário. O resultado final de nossa leitura aponta para o magnífico universo imaginário infantil e juvenil refletido na obra, sua subjetividade, valores e universalismo.

Palavras chaves: Literatura Infantil e Juvenil. Imaginário. O Pequeno Príncipe.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura reflete as produções literárias, a partir do contexto histórico, social e cultural, produzindo uma realidade através da ficção. Sendo, um processo de identificação de uma sociedade por meio das representações simbólicas presentes na história cultural, os elementos vão construindo o imaginário infantil e juvenil, levando o leitor a transcender da ficção para reflexão formando, assim, um imaginário rico e diversificado que se mantém presente no cognitivo infantil.

¹ Graduanda em Letras - Português, pela Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: monicademorais3@gmail.com

Nessa visão, atentamos para a capacidade que a literatura possui de relacionar temas com a realidade social através dos textos. Ela tem um papel fundamental na subjetividade humana, a qual amplia nossa compreensão sobre os vários contextos da sociedade.

A literatura infantil e juvenil se delinea no século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, dotado de características com necessidades especiais e apropriadas de educação. Compreende-se que há uma conexão da literatura com os valores simbólicos interpessoais, permitindo estabelecer um diálogo entre o externo e o interno humano, a partir da análise de elementos do imaginário que constituem a narrativa “O Pequeno Príncipe”. Por isso a leitura desta obra mostra uma proximidade com o universo fantástico do imaginário infantil e juvenil, onde os personagens conduzem o leitor a vivenciar uma história de experiências humanas pelo mundo ficcional.

Os valores encontrados no “Pequeno Príncipe” nos direcionam para a compreensão de que o imaginário representa os valores que compõem toda a estrutura do gênero narrativo, visto que, se desenvolve da forma como o homem estabelece suas relações com o outro e com o universo, diante de um mundo real e imaginário. Essas perspectivas fundamentam-se das reflexões causadas no leitor, devido a uma leitura reflexiva e de uma visão imaginária.

No decorrer deste trabalho, articulamos nossa discussão com os aportes teórico dos autores Cademartori (1994), Colomer (2017), e Cunha (2003), os quais tratam sobre a literatura infantil e juvenil e o acesso ao imaginário. A partir desses aportes, buscamos os valores descritos na obra, como o amor e a amizade, que permanecem como aprendizagem e representam a construção do imaginário infantil e juvenil.

Com relação ao aspecto estrutural desse trabalho apresentamos, inicialmente, o histórico da literatura infantil, pois é a partir da literatura que o imaginário começa a ser construído; em seguida, os aspectos de composição da narrativa infantil e juvenil; e as reflexões presentes em “O Pequeno Príncipe”, que contribuem com a construção do imaginário e que, ao serem acessados, promovem a conscientização sobre a realidade; por fim, apontaremos as considerações finais e as referências utilizadas no trabalho.

2 LITERATURA INFANTIL: CONTEXTO HISTÓRICO

A literatura infantil surgiu no século XVII, com as adaptações dos contos e lendas do período da Idade Média que eram coletadas pelo francês Charles Perrault para as crianças da corte, tendo, as primeiras coletâneas escritas com as versões dos contos “Cinderela e Chapeuzinho Vermelho”, adaptados para contos de fadas, e que serviram por muito tempo como modelos do gênero infantil que eram prestigiados pelo público de diferentes épocas.

Apontado como o pioneiro da literatura infantil, Charles Perrault, representou em seus contos a sociedade de sua época, caracterizando com certo sarcasmo a relação com o popular, ao mesmo tempo preocupava-se com a questão moralizante voltada para uma literatura pedagógica, principalmente, Burguesa. Embora, Perrault tivesse um distanciamento com o popular, os seus contos eram marcados por certa afetividade às suas personagens. De acordo com Cademartori (2006, p. 36):

Apesar do pretendido distanciamento com que Perrault trata o popular, a intenção burlesca, depreciativa, em relação aos motivos populares, não impediu, em muitos momentos, adesão afetiva àquelas personagens carentes que delineia. Caracterizadas, no início da narrativa, pelo estado de precariedade, suas personagens tornam-se triunfantes no final, estereótipo que se encontra na maioria dos contos orais e que refletem, sem dúvida, as tensões e as soluções sonhadas pelos camponeses vítimas de Antigo Regime.

Com papel de adaptador, Perrault parte de temas populares enriquecendo-os com detalhes voltados para o gosto da Burguesia. Os contos permitiam a solução de suas próprias inquietações emocionais. Na visão de Cademartori (2006, p.38) “a criança dessa época era vista como um adulto em potencial”, assim, a literatura infantil passou a ser considerada como importante instrumento didático, através dos contos coletados e adaptados no meio popular.

Durante o século XIX, na Alemanha, desenvolvem-se os contos dos Irmãos Grimm também adaptados de outras histórias populares. “João e Maria” e “Rapunzel” são exemplos desses contos e, diferentemente de Perrault, não se destinavam à leitura da corte; tinham como objetivo preservar o patrimônio literário, podendo estar ao alcance de toda sociedade. Outros escritores como

o dinamarquês Christian Andersen, o italiano Collodi, o inglês Lewis Carroll, o americano Frank Baum e o escocês James Barrie contribuíram com suas diferentes narrativas para a construção dos moldes da literatura infantil. Portanto, com o processo de adaptação dos contos se produz uma recuperação da cultura popular, fortalecendo os laços entre a literatura popular e a literatura infantil.

2.1 Literatura infantil nacional

O principal responsável pela literatura infantil brasileira foi o intelectual Monteiro Lobato, prestigiou o gênero em seu surgimento, por outro lado, fez com que, após Lobato, por muito tempo a literatura infantil vivesse à sombra de seu nome. No Brasil, Lobato teve uma atuação como agente formador e modificador das percepções do público, tendo, as suas obras maior evidência a partir do momento em que sua produção literária foi contrária as condições de vida social em que a sociedade brasileira se encontrava naquele momento.

O escritor brasileiro assume uma responsabilidade de denúncia, estabelecendo em suas obras uma ligação entre a literatura e as questões sociais. Tendo, em sua obra o caráter de mudança de apreensão do mundo do leitor, através de seu mundo ficcional.

Cademartori (2006) nos remete refletir que:

A leitura dos textos de Lobato possibilita uma nova experiência da realidade em que, ao mesmo tempo que são conservadas as vivências já adquiridas, antecipam-se possibilidades a serem experimentadas. É dessa maneira que o universo ficcional lobatiano propicia novas aspirações, instiga fins e pretensões que abrirão caminho a experiências futuras. Fugindo a todo moralismo que costuma acompanhar muito de perto a produção do livro infantil, seu incentivo a investigação e o debate sobre questões a que o consenso e os valores estabelecidos já haviam dado resposta.” (Cademartori 2006, p. 50-51)

Monteiro Lobato surgiu com uma estética de literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão de texto literário destinado à criança. E nesse momento a criança passou a ter voz, apresentando características em suas obras que não eram exploradas no universo literário das crianças,

permitindo despertar no leitor uma nova forma de perceber o mundo através de seus próprios conceitos estimulando a formação de sua consciência crítica.

2.2 Literatura infanto-juvenil na atualidade

Durante a década de 1960, as sociedades ocidentais se converteram em sociedades pós-industriais, assim, surgiu uma nova visão de mundo e da infância, que necessitava encontrar formas diferentes de educar os cidadãos. Desse modo, a literatura infanto-juvenil buscou um novo caminho para adequar sua proposta literária e educativa aos leitores dessas novas épocas.

Com a mudança para o século XXI, surgiram grandes novidades no mundo literário. Nesse período, ocorreram mudanças relacionadas aos valores que eram transmitidos pelos livros, o mundo refletido nas obras atualizou seu conteúdo para adequar as novas mudanças sociais, os sistemas culturais e artísticos influenciaram a literatura e criaram novos tipos de livros, ou seja, passaram a se adequar as necessidades de uma sociedade baseada no consumo das novas tecnologias. De acordo com Colomer (2017, p.190) *“Todas estas mudanças, pois, caracterizam uma etapa global da literatura infantil iniciada na década de 1970 e na qual se pode afirmar que ainda nos encontramos [...]”*.

Através da expansão dos livros infantis os autores foram levados a separarem-se das correntes realistas e dos valores cívicos que haviam predominado nas primeiras literaturas e no pós-guerra. Dessa forma, na visão de Colomer (2017), os livros se encheram de humor e fantasia, os personagens adquiriram características diferentes, enfrentando a ambiguidade nos sentimentos, a complexidade dos conflitos, e por fim mudanças de perspectivas.

O caráter educativo passou a adotar a fantasia como parte essencial das obras dos anos de 1970, passando a ser considerada como um dos valores mais importantes. E com o surgimento de novos valores, foram incluídos temas que até a atualidade não eram encontrados na literatura infantil e juvenil, onde, não era mais preciso educar as crianças através de regras para a solução de conflitos na infância a juventude, mas com os problemas encontrados na vida. Assim os autores procuraram abordar temas silenciados pelos adultos,

buscando do leitor uma conscientização para que considerasse os conflitos como parte essencial e inevitável da própria vida.

A representação do mundo na literatura infantil e juvenil foi modernizada, aparecendo nas obras à descrição e interpretação da vida própria das novas sociedades de consumos urbanos. Esses novos valores configuraram um novo tipo de literatura, que tinha como principal valor, o conhecimento racial e cultural, permitindo a identificação dos personagens em diferentes contextos sociais.

2.3 Funções da literatura infantil e juvenil

O universo da literatura infantil e juvenil traz três principais funções, na visão de Colomer (2017, p. 20), tais como: *o acesso da imaginação compartilhado por uma determinada sociedade, o desenvolvimento do domínio de linguagem através das formas narrativas, e a representação articulada do mundo como instrumento de socialização das novas gerações.*

A primeira das funções está associada ao imaginário humano. De acordo com os estudos antropológicos-literários a palavra “imaginário” associa-se as imagens, símbolos e mitos que utilizamos no processo de entendimento nas relações com o meio, podendo ser encontrados na literatura de todos os tempos. Segundo Colomer (2017):

Em todos os casos as pessoas utilizam personagens ou mitos para melhorar sua maneira de verbalizar e dar forma a seus próprios sonhos e perspectivas sobre o mundo. Necessitam fazê-lo, e a força educativa da literatura reside, precisamente, no que facilita formas e materiais para essa ampliação de possibilidades: permite estabelecer uma visão distinta sobre o mundo, pôr-se no lugar do outro e ser capaz de adotar uma visão contrária, distanciar-se das palavras usuais ou da realidade em que alguém está imerso e vê-lo como se o contemplasse pela primeira vez. (COLOMER, 2017, p.21)

O imaginário coletivo evolui constantemente, através da popularização das novas ficções e da reelaboração das obras tradicionais relacionadas com o social, o moral e o literário.

A segunda função da literatura infantil e juvenil está relacionada com o processo da aprendizagem da linguagem e das formas literárias, a literatura pressupõe que as crianças sejam possibilitadas do domínio da linguagem e do

processo literário, podendo desenvolver as competências interpretativas ao longo da educação literária. Os seres humanos nascem com uma tendência natural para com as palavras, a capacidade de representação do mundo e das ordenações das expressões humanas. Como destaca Colomer: *As crianças crescem com o jogo e a linguagem* (2017, p.35). Portanto, relacionando jogo e linguagem, e ambos com a literatura infantil, permitem que as crianças possam descobrir a existência de palavras para descrever acontecimentos em seu interior e exterior durante sua vida.

A última função da literatura referida anteriormente remete à representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações. Amplia o diálogo entre as crianças e a coletividade, mostrando-lhes como o mundo é, ou quais as suas principais configurações. Dessa forma, refere-se à literatura infantil e juvenil como uma atividade educativa em conjunto com a família e a escola.

Por fim, a literatura teve e tem grande importância no desenvolvimento da imaginação e dos fatores internos da criança, como as emoções e os sentimentos. Diante disso, é preciso que através da leitura, o desenvolver e as competências leitoras crie abertura para a formação de uma nova mentalidade na construção da personalidade infantil.

3 A NARRATIVA PARA O PÚBLICO INFANTIL E JUVENIL

Quando ouvimos a expressão “narrativa” automaticamente relacionamos com história, ou seja, as representações de fatos e ações ilustradas de pessoas ou animais humanizados. Toda essa expressão refere-se como estrutura, conhecimento e capacidades necessárias para a construção de uma história, caracterizada por argumentos envolvendo os personagens, tendo um início e um fim, e estando organizado por sequências de acontecimentos.

As narrativas tanto escritas como orais, têm sido utilizadas por muito tempo, e por várias culturas como instrumento educacional, na organização do pensamento e na estruturação cognitiva. Dessa forma, o processo construtivo da narrativa é eficaz na compreensão da experiência de vida, sendo de grande

interesse do leitor infantil e jovem, situando-os em sua vida através da literatura.

3.1 A narrativa para crianças

O dramatismo e a movimentação são características interligadas à narrativa infantil, pois, a criança encontra-se numa fase de pouca concentração, interessando-a os livros em que esses elementos sejam constantes. Por isso, as ações dos personagens resultam na dinâmica das narrativas, criando técnicas que serão bem desempenhadas no sucesso com as obras no público infantil. O processo narrativo infantil se desenvolve por meio da explicação oral dos contos, dos livros para não leitores, compartilhados nas sociedades. Atualmente, os livros contêm narrativas mais completas e curtas, para que assim as competências leitoras sejam atingidas.

O ato de narrar agrada mais a faixa etária infantil, principalmente com o discurso direto, e o diálogo é um fator necessário para as crianças, permitindo um envolvimento mais acessível para esse leitor, ao qual a utilização da linguagem oral, e adequação das características e situações dos personagens sejam fatores essenciais para o realismo da cena. Do ponto de vista de Cademartori (1985, p.98), *as questões relacionadas aos personagens são importantes como: o numero, o aparecimento, as oposições entre eles*, todos esses fatores têm seus valores, considerando-os dentro do conjunto da obra.

É importante que a narrativa siga de forma linear, com tempo cronológico, excluído o *flashback*, por exemplo, e as personagens encontram-se planas. Outro requisito importante na narrativa que se pode enfatizar é o desfecho final feliz, que apesar de ser uma regra já repensada na modernidade, continua norteando muitas das obras destinadas ao público infantil.

3.2 A narrativa para jovens

Nos países industrializados, durante a década de 1970, surgiu a preocupação de promover a leitura entre adolescentes; primeiramente a necessidade dessa leitura surgiu no âmbito comercial, através da conquista de

novas áreas de mercado, e do âmbito escolar, devido, aos níveis de deficiência na leitura. Manifesta-se a novela juvenil voltada para os adolescentes das novas sociedades, como aposta experimental, devido à preocupação de se voltarem para a ficção adulta.

As narrativas destinadas aos jovens foram elaboradas a partir de reedições de obras juvenis clássicas e de narrativas modernas para adultos. Diferentemente da narrativa infantil, a endereçada aos adolescentes caracteriza-se por novas temáticas e novas técnicas, tendo campo propício para o desenvolvimento do realismo e da introspecção psicológica da novela juvenil.

A literatura infantil está ligada por uma fronteira com a literatura juvenil, Todo esse processo está cada vez mais inter-relacionado culturalmente, assim, os leitores adolescentes têm possibilidade de se sentirem íntimos das leituras das narrativas, que falam de uma idade mínima vivida, em um tempo e um modo de vida, descrevendo as situações mais variadas e afastadas do seu contexto habitual.

3.3 Adequação das obras a cada faixa etária

Do ponto de vista da Psicologia, a criança passa por uma série de transformações, desde o nascimento até a adolescência. Tais transformações estabelecem fases de evoluções e para a literatura infantil têm sido consideradas três fases: do mito, do conhecimento da realidade e do pensamento racional.

De acordo com Cunha (2003, p. 99-101), ele aponta que a primeira fase é a do *mito*, que envolve as crianças entre 3 a 8 anos, predominando nessa fase a fantasia, o animismo, ou seja, os objetos têm para as crianças alma e reação. Portanto, a criança nesta fase não diferencia a realidade e a fantasia, e as obras indicadas correspondem as “literaturas de maravilhas” como os contos de fadas, as lendas, os mitos e as fábulas.

Na segunda fase, entre os 7 aos 12 anos, encontramos a fase do *conhecimento da realidade*, onde a maior necessidade da criança é a ação, interessando-se pela experiência humana e da ciência, e valorizando o esforço

e o herói, como vencedor dos obstáculos. Embora, meninos e meninas tenham interesses diferentes nessa fase, na literatura essa diferença é menos marcante, e o romance de aventuras, os feitos mitológicos, as lendas folclóricas são adequadas.

A terceira fase, que vai dos 11 anos até a adolescência, é a do *pensamento racional*, onde se inicia o domínio das noções abstratas, a consciência social, as questões sexuais e o interesse pela literatura romântica.

Dessa forma, os livros infantis permitem aos leitores o domínio de formas literárias mais complexas. Revelam-se um suporte para a evolução da criança, ao qual estando imersa no contexto literário estimula a aprendizagem mais rapidamente. As formas dos livros se adequam aos diferentes momentos de desenvolvimento pessoal e literário.

Nas últimas décadas, os livros e histórias mais tradicionais mudaram consideravelmente, a elaboração da edição de livros para leitores iniciantes, inseriram estratégias para prender a atenção para o processo da leitura. Os estudos referentes aos livros infantis tentaram graduar as características narrativas que configuram os textos desde a infância até a adolescência, observando como se inter-relacionam com o leitor. Na visão de Colomer (2017) podemos refletir que:

A arraigada ideia de que os livros servem basicamente como formação moral da infância levou a analisar, sobretudo, os valores transmitidos pelos contos. No entanto, se aumentassem a atenção dedicada a pensar que, ao mesmo tempo, os livros servem para aprender a ler literalmente, a literatura infantil poderia ser julgada também pelos parâmetros de sua eficácia nesta tarefa. (p.31)

É através dos livros de literatura infantil e juvenil que se dá o processo de aprendizagem dos modelos narrativos e poéticos em nossa cultura. E os valores transmitidos pelos livros ajudam os leitores a compreender, através das imagens e das palavras à representação do mundo real, principalmente a eficácia no processo de leitura.

4 “O PEQUENO PRÍNCIPE”: A QUESTÃO DO IMAGINÁRIO

Antoine de Saint Exupéry (1900-1944), autor de um dos livros mais famosos, na narrativa infantil e juvenil, nasceu em Lyon na França. Filho do Conde Saint-Exupéry e da Condessa Marie Fascolombe, Antoine estudou no tradicional colégio Jesuíta Notre Dame de Saint Croix, fundado pelos padres de Santa Cruz em 1856, em Paris. Com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, mudou para o colégio dos Maristas, em Frisburgo, na Suíça.

De volta à França, ao fazer um passeio de avião, apaixonou-se por aviação, mas não deixou de lado a literatura, escrevendo obras em que utilizava elementos de aviação e guerra. Na primeira fase da Segunda Guerra Mundial, foi para a força aérea dos Estados Unidos, em 1943, e lá escreveu o seu livro mais famoso, “O Pequeno Príncipe”, com mais de 80 milhões de exemplares vendidos, e traduzido para 180 línguas.

4.1 Breve comentário da obra

“O Pequeno Príncipe” narra à história de um aviador, que recorda suas experiências aos seis anos, quando cria o desenho de uma jiboia engolindo um elefante. Sempre que apresentava o desenho às pessoas, que ele chama de as “pessoas grandes”, elas sempre o entendia como um chapéu, o que resultou na decepção ao desenhista, chegando a desistir do sonho de pintor. Na sua fase adulta, embora tenha estudado outras coisas, sua paixão pelo desenho nunca cessou.

Durante uma viagem, uma pane em seu avião no deserto do Saara, provoca uma parada de urgência, e ao decidir concertar o motor e por esta não ser uma tarefa fácil acaba dormindo. Ao acordar na manhã seguinte, ouviu uma voz que pedia para que desenhasse um carneiro. Sem saber se estava vivo ou morto, obedeceu: “Desenha-me um carneiro. - Então eu desenhei. Ele olhou atentamente e disse: - Não! Esse já está muito doente. Desenha outro. Desenhei de novo. Meu amigo sorriu paciente: - Bem vêes que isso não é um carneiro. É um bode... olha os chifres! [...]” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.12).

Depois de inúmeras tentativas, conseguiu finalmente o desenho que mais se aproximava do pedido.

Na sua incessante busca pelo desenho do carneiro, o pequeno príncipe com suas poucas palavras contou-lhe sobre seu lugar de origem, o lugar que habitara e o que havia deixado, como: os três vulcões; sua rosa, para ele única no mundo; os baobás; e o seu belo pôr do sol. À medida que conversavam, surgia uma amizade entre ambos. Durante as conversas o pequeno príncipe não aceitava que as suas perguntas ficassem sem respostas, assim, o piloto aprendeu a lidar com o amigo e a questiona-lo sobre o que fazia ali e para onde ia. Entretanto, gostava apenas de falar das coisas que tinha deixado em seu planeta.

No decorrer da narrativa, a amizade dos dois vai se tornando maior e o príncipe relata as suas aventuras pelos planetas até chegar a terra; contou ao seu amigo sobre todas as pessoas que encontrou nos planetas, visitados por ele. E chegando a terra falou da experiência de amizade com uma raposa, que o fez refletir sobre sua existência e assim tomou a decisão de voltar para o seu planeta. Através da serpente conseguiu voltar para o seu planeta e nunca mais o piloto teve notícias do pequeno amigo.

Todo o conjunto da obra tem caráter autobiográfico, composta de elementos fantásticos que estão dentro da essência do imaginário. Revela a interligação da realidade com a imaginação, transmitindo pensamentos e verdades sobre a humanidade. “O Pequeno Príncipe” é uma obra direcionada ao público infantil, pois permeia a ideia da fantasia, mas contempla o público adulto, pelo acesso ao imaginário, por despertar as lembranças, sonhos e promover o endosso a valores humanos importantes, como a amizade, o amor e a dedicação.

Podemos compreender na obra a presença constante de metáforas, os símbolos referentes à infância, as aprendizagens, a fruição da imaginação que permite penetrar no mundo ficcional.

4.2 O imaginário refletido nas relações de amor e amizade

Na obra “O pequeno príncipe”, há diálogos simbólicos e analíticos da consciência do narrador sobre a criatividade e o deslumbramento além do real. É um livro que aflora o poder da imaginação, a reflexão sobre o humano, evidenciando um mundo de sonhos e fantasias, mas que auxiliam a compreender o mundo e os conflitos externos.

O ponto de partida da narrativa que enfatiza o imaginário se reflete inicialmente nos desenhos que compõem os primeiros capítulos da obra, quando o autor ilustra o desenho da jiboia engolindo o elefante. De acordo com o trecho a seguir: “*Mostrei minha obra-prima as pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo. Responderam-me: porque um chapéu daria medo?*” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.9-10).

A forma como o adulto atrelou o desenho a um chapéu, decepcionou totalmente a criança. Observa-se a desacertada compreensão dos seus esboços, ocasionada pela falta de sensibilidade e da maneira superficial com que o adulto julgava seu desenho, enxergando apenas a aparência, sem enxergar o interior e a essência por traz da imagem. Percebe-se nesse trecho uma crítica ao comportamento das pessoas grandes, como se refere o narrador, o modo como o adulto perde sua imaginação ao longo da vida e se torna mais difícil para ele o acesso ao imaginário.

Diferentemente de uma criança que tem habilidade para sonhar e imaginar, os adultos levam um tempo maior para promoverem este acesso. Isso pode ser comprovado no momento em que o piloto percebe que o pequeno príncipe reconhece seu desenho, por ser criança: “*Como jamais houvesse desenhado uma carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que sabia: o da jiboia fechada. E fiquei surpreso ao ouvir o garoto replicar: - Não! Não! Eu não quero um elefante numa jiboia*”. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.14). Esse trecho nos permite a confirmação de como o imaginário se encontra presente na concepção infanto-juvenil, podendo compreender a diferença na análise feita por um adulto e por a criança, na forma como as conclusões são feitas.

A descrição da existência do pequeno príncipe nos leva ao entendimento de estarmos diante de uma literatura em que a magia é constante; um menino que surge misteriosamente sem explicações maiores explicações. Observando as palavras do narrador:

[...] Levantei-me num salto como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei “bem os olhos” e olhei ao meu redor e vi aquele homenzinho extraordinário que me observava seriamente. Olhava para aquela aparição com olhos arregalados de espanto. Ora o meu pequeno visitante, não parecia nem perdido, nem morto de fadiga, nem morto de fome, de sede ou medo. Não tinha absolutamente a aparência de uma criança perdida no deserto, a quilômetros e quilômetros de qualquer região habitada [...] (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.9-10)

No decorrer do enredo, observamos a presença do imaginário, estando visível no diálogo entre o piloto e o príncipe sobre o desenho do carneiro. O imaginário manifesta-se a partir do contexto da fantasia, em que o pequeno príncipe necessita de um carneiro que possa comer os Baobás para não destruir o seu planeta:

Por favor, desenha-me um carneiro... Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse a quilômetros e quilômetros de todos os lugares habitados e com a vida em perigo, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas lembrei-me, então, de que eu havia estudado principalmente Geografia, História, Matemática e Gramática, e disse ao pequeno visitante (com um pouco de mau humor) que não sabia desenhar. Respondeu-me: - não tem importância. Desenha-me um carneiro. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.10)

Dessa forma, rabiscou uma caixa, e disse-lhe que o carneiro estava lá dentro. À medida em que se dava por satisfeito com o desenho do carneiro em uma caixa, expressa-se a competência da imaginação. A partir daí, surge o momento crucial para se configurar uma amizade baseada na fantasia e afetividade, em que muitos laços de carinho e aprendizagem são construídos.

A viagem do príncipezinho é bastante significativa para que reconheça a importância de uma verdadeira amizade. As aprendizagens que assimila fazem com que descubra a força de cativar, de dar importância e cuidar, considerados valores universais. Embora ame sua rosa incondicionalmente, decide deixá-la e partir em sua jornada rumo ao conhecimento sobre os sentimentos humanos e, sobretudo, o que significa a amizade:

Eu me julgava rico por ter uma flor única, e possuo apenas um rosa comum. Três vulcões que não passam do meu joelho, estando um, talvez, extinto para sempre. Isso não faz de mim um príncipe muito poderoso... E, deitado na relva, chorou. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.66).

É neste momento que surge a raposa, para fazê-lo entender que a beleza e o afeto estão nas coisas simples:

Bom dia – disse a raposa.
 Bom dia – respondeu educadamente o pequeno príncipe, que, olhando a sua volta nada viu.
 Estou aqui – disse a voz, embaixo da macieira... Quem és tu? – perguntou o príncipezinho, Tu és bem bonita... Sou uma raposa – disse a raposa. Vem brincar comigo – propôs ele. – Estou tão triste... – Eu não posso brincar contigo – disse a raposa. – Não me cativaram ainda. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.66-67)

O príncipezinho sentia-se vaidoso por imaginar que era o único a possuir uma rosa exclusiva, portanto nesse momento fica muito triste e sente-se decepcionado, por descobrir que sua flor era igual a tantas outras. Através da raposa, ele descobre que as coisas só são importantes se a elas for atribuído um significado.

A raposa mostra a ele como é importante cativar: “*O essencial é invisível aos olhos*” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.72), e acrescenta que só se vê bem com o coração. Isso quer dizer que se existe um sentimento, as coisas terão para nós um significado diferente, deixando de serem comuns. Em: “*Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas*” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.74), são mostradas lições para a vida; de que é preciso enxergar para além das aparências e tornar o que se ama importante.

É assim que ele decide voltar ao seu planeta e recobrar o que havia deixado para trás. Com essas aprendizagens em seu imaginário, poderia valorizar mais aquilo o que possuía.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos apresentados no decorrer do presente estudo, é imprescindível compreender que a literatura infantil e juvenil é uma

importante ferramenta no desenvolvimento das concepções de aprendizagens humanas. Permite ao leitor uma renovação de conceitos e uma proximidade entre o mundo fictício e real, em que a literatura é o meio de encontrar a si mesmo e ao mundo em nossa volta.

O presente estudo possibilitou considerar o imaginário infantil e juvenil como o gatilho para aprendizagens significativas e importantes sobre a natureza humana e seus valores universais. Como uma possibilidade de leitura do livro “O Pequeno Príncipe”, de Saint-Exupéry, o acesso ao imaginário é reconhecidamente uma constante. Ele se configura como um elemento expressivo na narrativa para encontrar a essência da subjetividade presente em cada leitor. Assim, utiliza a criatividade e coloca em reflexão dois mundos diferentes o do adulto e o da criança, sendo relevante apontar que o piloto nunca deixou de fora seu imaginário, mesmo que as pessoas grandes tivessem sempre solicitado isso dele. O imaginário infantil e juvenil é mantido na obra e recorrente, no sentido de acessarmos experiências de nossa infância a cada capítulo.

Por fim, espera-se que as discussões apresentadas neste trabalho sirvam como base para novas investigações à respeito dos temas abordados, e por sua vez, contribua no sentido de ampliar a construção do pensamento crítico do leitor, para a compreensão da obra e da importância do acesso ao imaginário, considerando também outras possibilidades de leitura.

ABSTRACT

This work has as objective to discuss the imaginary child and youth, from the work the little prince, written by French Antoine Saint-Exupery, one year before his death, when a exiled in the United States. Exupéry uses in his work a symbolic language, loaded with metaphors and sensibilities, to give voice to the imagination of a child. Thus, it shows the subjective human values from reality and fantasy. In this direction the narrative emphasizes the sleeping child who lives within each adult in a society forgotten of the value that carries within, that is, the essential to the heart. The methodology used for the construction of this research was of a bibliographical and descriptive, with an analytical character. Therefore, we base this study on the conceptions of Cademartori (1994), Colomer (2017), Cunha (2003) on children's and youth literature and access to the imaginary. The final result of our reading points to the magnificent imaginary universe of children and youth reflected in the work, its subjectivity, values and universalism.

REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Lúgia, **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COLOMER, Teresa, **Introdução á literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

CUNHA, Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 2003.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2015.